



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10124 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

BRINCAR NA LUTA POR RECONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A “VOZ” DAS MULHERES

Roseli Goncalves Ribeiro Martins Garcia - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

BRINCAR NA LUTA POR RECONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: A “VOZ” DAS MULHERES

Resumo: Neste trabalho procuramos compreender que relação se estabelece entre as memórias e narrativas de profissionais e demais pessoas envolvidas com a educação da primeira infância a respeito de brincadeiras e interações e a luta por reconhecimento da educação infantil, da infância e da criança como sujeito de direitos. As especificidades da educação infantil, as conquistas e desafios na cidade de Sorocaba/SP desde meados do século XX, podem se revelar a partir das histórias de vida e identidades que nela atuam. A pergunta que conduz esta pesquisa é: Por que e como acontecem as reflexões sobre as práticas educacionais e as especificidades da infância relacionadas ao brincar na luta por reconhecimento social da educação infantil, da infância e da criança como sujeito de direitos, de que maneiras a educação superior – pesquisa, ensino e extensão - pode contribuir para tal? A “voz” das mulheres terá destaque neste trabalho, visto a constatação quase óbvia das muitas mulheres que transitam por esta pesquisa e dão sentido à luta por reconhecimento.

Palavras-chave: Mulheres. Educação infantil. Luta por reconhecimento. Narrativas. Histórias de vida.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho tratamos de uma pesquisa pós doutoral em andamento que se propõe a investigar as histórias de vida e identidades profissionais nas dinâmicas das relações nas instituições de educação infantil na cidade de Sorocaba desde meados do século XX. Buscamos compreender o brincar e o interagir presentes nas memórias e narrativas das professoras e demais pessoas envolvidas com a educação da primeira infância, o quanto essas experiências brincantes e de interação estão presentes ou reprimidas, lutam, escapam, confirmam ou transgridem concepções latentes, expressas ou não, de infância e de educação infantil subentendidas nestes contextos

Concebemos brincar a partir do conceito de jogo discutido por Johan Huizinga na sua obra Homo Ludens:

No jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades

imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Se denominarmos o princípio ativo do jogo, aquilo que lhe confere essência, de “espírito” ou “vontade”, diremos muito; se a denominarmos “instinto”, nada expressaremos. (2019, p. 2)

As imagens criadas, fotografadas, faladas, nas narrativas que buscamos compor na pesquisa, podem vir a ser tocadas pelo nosso olhar, interpretadas, fruídas como linguagens marcadas pelo jogo, que transcendam a função protocolar do burocrático escolar, pelo lúdico, pela liberdade de brincar.

Buscamos refletir sobre a potencialidade do brincar e das interações nas práticas educacionais, em vista da luta por reconhecimento (HONNETH, 2003; HONNETH, 2009) e, pelo reconhecimento da educação infantil, da infância e da criança. vislumbrando uma educação emancipadora, consoante à Pedagogia da Infância (BARBOSA, 2010), e que considere a cultura infantil (FARIA, 1999) distinta da infantilização do profissional da escola da infância.

No avanço da pesquisa referente à luta por reconhecimento, buscamos em Nancy Fraser suas reflexões a respeito de redistribuição e reconhecimento e da relação dialética ou até mesmo de contradição entre buscas por soluções afirmativas ou por soluções transformadoras. E a questão de gênero, segundo suas palavras, é um desses modos dilemáticos de coletividade.

O gênero é, em suma, um modo bivalente de coletividade. Ele contém uma face de economia política, que o insere no âmbito da redistribuição. Mas também uma face cultural-valorativa, que simultaneamente o insere no âmbito do reconhecimento. Naturalmente, as duas faces não são claramente separadas uma da outra. Elas se entrelaçam para se reforçarem entre si dialeticamente porque as normas culturais sexistas e androcêntricas estão institucionalizadas no Estado e na economia e a desvantagem econômica das mulheres restringe a “voz” das mulheres, impedindo a participação igualitária na formação da cultura, nas esferas públicas e na vida cotidiana. O resultado é um círculo vicioso de subordinação cultural e econômica. (FRASER, 2006, p. 234).

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS

A pergunta que conduz nossa pesquisa é: Por que e como acontecem as reflexões sobre as práticas educacionais e as especificidades da infância relacionadas ao brincar na luta por reconhecimento social da educação infantil, da infância e da criança como sujeito de direitos, de que maneiras a educação superior – pesquisa, ensino e extensão - pode contribuir para tal?

Por fim, buscamos problematizar a formação docente para atuar com a primeira infância e analisar a partir das histórias de vida e das imagens disponibilizadas, produzidas ou descritas das memórias e narrativas das professoras e demais profissionais da educação da primeira infância a respeito de brincadeiras e interações, a sua relação com o contexto da evolução ou retrocessos da educação infantil.

O reconhecimento social (HONNETH, 2003) se explicita nas condições de manifestação, de participação política, de ser ouvido e por fim da percepção dessa importância que um segmento tem para a sociedade.

Na educação brasileira nas últimas décadas alternam-se forças progressistas comprometidas com um atendimento democrático de qualidade na educação infantil, e forças contrárias incentivadas pelas organizações econômicas internacionais que priorizam o baixo custo, baseadas em soluções informais que não garantem uma educação infantil de qualidade e para todas as crianças (ROSEMBERG, 2003).

Para isso pretendemos com os objetivos gerais estudar as especificidades da educação infantil e encontrar indicativos que ajudem a entender histórias de vida que concorrem com a formação, interações sociais, atuação na educação da primeira infância e a luta por reconhecimento e, conseqüentemente, reconhecimento da infância e da educação infantil. Por fim, sugerir eventuais mudanças para formação docente.

METODOLOGIA

A pesquisa narrativa, de abordagem qualitativa (MINAYO, 2004; SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013), busca, a partir de histórias de vida, de fontes documentais, imagéticas e de narrativas do Centro de educação infantil CEI 43 “Profª Vera Lúcia Momesso Maldonado”, na cidade de Sorocaba / SP, atender aos objetivos propostos a responder à questão central. O método autobiográfico vem ao encontro do trabalho de pesquisa que nos propomos. Conforme Ana Lúcia Oliveira Aguiar e Emerson Augusto de Medeiros apontam

[...] o método (auto) biográfico de histórias de vida quando surgiu no campo científico apresentou-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações humanas que necessitavam de reflexões — não unicamente do ponto de vista lógico — com o mundo social e subjetivo dos sujeitos (2018, p. 98).

A própria pesquisadora busca narrar sua (auto)biografia para compor o estudo, enquanto educadora da infância na cidade de Sorocaba desde 1991, inclusive como Diretora de Escola de Educação Infantil na rede pública municipal de Sorocaba desde 1992, e recém aposentada. Também uma professora aposentada, com maior tempo na docência e que atuou por décadas no CEI 43, concedeu entrevista a partir de um roteiro semiestruturado, assim como imagens e narrativas. Também cinco professoras ativas do CEI 43 participaram de discussões, com documentos, imagens e narrativas que remeteram ao trabalho educativo com a primeira infância.

Pensando com Vanessa Moreira Crecci que “A pesquisa narrativa é uma forma de experiência subjetiva e pessoal com o estudo realizado. (2018, p. 89), neste trabalho vamos ao encontro da “voz” das mulheres.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Para compreender os perfis, os papéis e, por fim, aspectos da formação de professoras

e de profissionais da educação infantil, é preciso primeiro entender a especificidade da infância, especialmente nas camadas sociais mais carentes. Em sua origem, destacam-se duas imagens, tradicionais, de infância. De um lado, está o papel de assistência da educação infantil, de caridade voltada para a criança pobre. De outro, a imagem romântica da jardineira (MONARCHA, 2006) a preparar indivíduos, com traços de menoridade intelectual e social, para a vida futura. Tais imagens trazem a compreensão da educação como prática feminina de assistência e cuidado (ALMEIDA, 2014). Observamos no censo escolar brasileiro quando se constata a presença incipiente de homens na educação básica, tanto maior quanto menor a idade dos grupos de alunos. Assim, a educação infantil, tanto em sua origem quanto no contemporâneo, apesar de suas transformações, segue tendo o adulto como referência, mais especificamente a mulher.

No decorrer da pesquisa de campo surge a constatação óbvia, ou seja, das muitas mulheres que transitam por esta pesquisa. Mulheres, em seus diversos papéis profissionais e sociais em sua luta cotidiana. Muitas histórias memoradas e narradas, das muitas conversas no atendimento destas mulheres, sejam no trabalho na escola da infância ou destas na busca da educação infantil e da creche; dos estranhamentos, das alegrias, dos medos, dos desafios de um mundo de possibilidades com que se deparavam. Conforme Maria Amélia de Almeida Teles “A creche não só libera a força de trabalho feminino, mas facilita condições para o acesso à autonomia das mulheres.” (2015, p. 29). Nessas interações de atendimentos, de acolhimentos, ouvindo as demandas, tratando eticamente e com as devidas delicadezas e respeito, tendo a criança como foco, traremos para discussão no *corpus* do trabalho as narrativas dessas experiências, a “voz” das mulheres em coro feminino.

Outras pessoas também compuseram os atendimentos e acolhimentos na escola da infância, além das mulheres, sejam individuais ou coletivamente, de familiares ou da comunidade. Conforme Fulvia Rosemberg

No entanto, a educação infantil não perdeu seu caráter de ser uma atividade historicamente vinculada à “produção humana” e, portanto, considerada de gênero feminino, sendo exercida principalmente por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais que possam estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. [...] nesta área de assistência à infância as qualificações das trabalhadoras tiveram como base sua capacidade de amar as crianças e a socialização das mulheres para o cuidado. (2015, p. 168).

Ao fundo um mundo feminino, de emancipação feminina. Então faz parte do foco desta pesquisa a respeito do brincar na luta por reconhecimento da educação infantil a “voz” das mulheres, numa luta feminina que busca condições de ser reconhecida, desde essa gestora/narradora/pesquisadora nas relações com outras mulheres ou pelas mulheres, com as pessoas com quem se relacionou. Como Teles constatou em 2015 “[...] ao longo destes 20 anos a bandeira da creche foi absorvida, reduzida e burocratizada pelas políticas sociais.” (p. 32). Esta constatação óbvia, quase um *insight*, estava camuflada, burocratizada, enuviada nos primeiros passos da pesquisa, e foi deflagrada no avanço da reflexão.

CONCLUSÃO

*Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
(Milton Nascimento)*

A “voz” das mulheres vem ao encontro de nossa pesquisa com foco no brincar na luta por reconhecimento da educação infantil. Essa “voz” que dá sentido à luta por reconhecimento. “Voz” bem-vinda do cotidiano, das reflexões, que vai ao encontro da academia, da militância. “Voz” que ecoa a necessidade de transformação social para que cada segmento goze de redistribuição e reconhecimento social conforme suas peculiaridades e suas diferenças.

Pensemos nessa força que nos alerta.

Palavras-chave: Mulheres. Educação infantil. Luta por reconhecimento. Narrativas. Histórias de vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na Educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. *In: SAVIANI et al. O legado Educacional do século XX no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

AGUIAR, A. L. O.; MEDEIROS, E. A. de. O método, (auto) biográfico e os estudos com histórias de vida: configurações teóricas-metodológicas na pós-graduação em educação. *In: NAKAYAMA, B. C. M. S.; PASSOS, L. F. (Org.). Narrativas, pesquisa e formação de professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas*. Curitiba: CRV, 2018.

BARBOSA, M. C. S. Pedagogia da infância. *In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM. Disponível em <http://www.gestrado.org/pdf/312.pdf>. Acesso em: 24 out. 2014.

CRECCI, V. M. Pesquisa narrativa e seus entrelaçamentos. *In: NAKAYAMA, B. C. M. S.; PASSOS, L. F. (Org.). Narrativas, pesquisa e formação de professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas*. Curitiba: CRV, 2018.

FARIA, A. L. G. de. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. *Educação e Sociedade*, v. 20, n. 69, p. 60-91, dez. 1999.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p231-239>. Acesso em: 20 fev 2021.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH, A. A dimensão moral. Entrevista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 set. 2009. Caderno Mais!. p. 10.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro, revisão de tradução Newton Cunha. 9. ed. rev. e atual. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São

Paulo: Hucitec, 2004.

MONARCHA, C. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. *In*: FREITAS, M. C. D. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ROSEMBERG, F. Sísifo e a educação infantil brasileira. **Pro-Posições**, v. 14, n. 1 (40), p. 177-194, jan./abr. 2003.

ROSEMBERG, F. A cidadania dos bebês e os direitos de pais e mães trabalhadoras. *In*: FINCO, D.; GOBBI, M. A., FARIA, A. L. G. de. (Org.). **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO M. del P. B. **Metodologia de pesquisa** [recurso eletrônico]; 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2013.

TELES, M. A. de A. A participação feminista na luta por creches! *In*: FINCO, D.; GOBBI, M. A., FARIA, A. L. G. de. (Org.). **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015.